



## A CIÊNCIA DAS IDEOLOGIAS E A FILOSOFIA DA LINGUAGEM: NAS TESSITURAS DE VOLÓCHINOV E O CÍRCULO DE BAKHTIN

WILDER KLEBER FERNANDES DE SANTANA<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho traçou como horizonte teórico-metodológico a relação existente entre a ciência das ideologias e a filosofia da linguagem, sob a ótica de Valentin Volóchinov (1895-1936), a partir do que desenvolveu em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2017 [1929]) em diálogo com Mikhail Bakhtin (1895-1975), e Pável Medviédev (1892-1938). Como *corpus* para análise delimitou-se a tela de número 23, *Aquellos Polvos* (1797-1799), da série “Os Caprichos”, de Francisco Goya, a qual se encontra no *Museo del Prado*. Identificou-se, assim, a imprescindibilidade da perspectiva sociológica para os estudos da linguagem, esta permeada por signos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ciência das ideologias. Filosofia. Linguagem.

**ABSTRACT:** The present paper traces as theoretical-methodological horizon the relationship between the science of ideologies and the philosophy of language from the perspective of Valentin Volóchinov (1895-1936), from what he developed *Marxism and Philosophy of Language* (2017 [1929]) in dialogue with Mikhail Bakhtin (1895-1975), and Pável Medvedev (1892-1938). As a *corpus* for analysis, the screen of number 23, *Those Polvos* (1797-1799) from the series “The Caprichos” by Francisco Goya, which is in the Prado Museum, was delimited. It was identified therefore, the indispensability of the sociological perspective for the studies of the language, this permeated by signs.

**KEYWORDS:** Science of ideologies. Philosophy. Language.

SANTANA, W. K. F. de. A ciência das ideologias e a filosofia da linguagem: nas tessituras de Volóchinov e o círculo de Bakhtin. In. **Revista Diálogos**, v. 7, n. 3, out.-dez., 2019.

<sup>1</sup> Doutorando em Linguística (Proling - UFPB, 2018); Mestre em Linguística (Proling - UFPB, 2016); Mestre em Teologia (Faculdade Teológica Nacional, 2016); Mestrando em Arqueologia Bíblica (Faculdade Teológica Nacional, 2017); Especialista em Gestão da Educação Municipal (UFPB, 2017). Poeta e Escritor Paraibano. wildersantana92@gmail.com





## INTRODUÇÃO

Este trabalho se propôs a analisar a relação existente entre a ciência das ideologias e a filosofia da linguagem, sob a ótica de Valentin Volóchinov (1895-1936), a partir dos escritos que desenvolveu em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2017 [1929]), doravante MFL, cujas principais ideias se presentificam em *Problemas da poética de Dostoievski* (BAKHTIN, 2008 [1929]). Faz-se necessário circunscrever como é construído o pensamento do estudioso soviético, membro do Círculo de Bakhtin, em reação às produções formalistas russas, assim como o reconhecimento das tessituras volochinovianas em dimensão histórico-ideológica, as quais dialogam com as obras de Mikhail Bakhtin (1895-1975), e Pável Medviédev (1892-1938).

Nesse conjunto de interrelações discursivas, é retomado e instaurado, de modo dinâmico, o conjunto de vertentes clássicas da linguística (Humboldt, Potebniá e Baudouin de Courtenay) e da filosofia (Kant, Heidegger, Cassirer), quer em afirmações teóricas, quer em gêneros e particularidades das relações intradiscursivas, em que o signo é compreendido como representação simbólica do social. Dispomo-nos, assim, a averiguar/perceber/examinar os escritos de Volóchinov em diálogo com os postulados dos outros estudiosos russos, membros do Círculo de Bakhtin. Nessas vias composicionais, atribuem-se conceitos fundamentais da problemática da filosofia da linguagem humana e do posicionamento dos pensadores soviéticos em relação à linguística, sob seu método formal.

O objetivo geral de nosso trabalho consiste em analisar as contribuições de Volóchinov para a filosofia da linguagem com base no método sociológico. Para tanto, fez-se mister averiguar o estudo das ideologias e da filosofia da linguagem, assim como as especificações das ideologias, no contexto do marxismo.

Cabe salientar que os membros do Círculo de Bakhtin transcenderam a algumas questões que foram tangentes aos estudos de Marx e Engels, “como a relação da infra-estrutura com a superestrutura, a constituição e o papel dos signos, a questão da constituição da subjetividade e da consciência, as questões





da peculiaridade da palavra literária.” (MIOTELLO, 2013, p. 167). Nossos subsídios teóricos se concretizam na integração das ideias de Volóchinov (2017 [1929]), Bakhtin (2010 [1920-24], 2008 [1929]), e Medviédev (2016 [1928]), as quais se propagam na produção de pesquisadores em terreno nacional e internacional, dentre eles, Miotello (2013) e Renfrew (2017), dentre outros. Desta forma, este estudo reenuncia as propostas ideológica e sociológica dos autores russos, os quais se posicionaram ativamente contra o sistema formalista vigente não apenas na Rússia, mas também em partes da Europa.

Os entornos introdutórios sobre a ciência das ideologias incidem na importância dos problemas da *Filosofia da Linguagem* para o Marxismo. De forma ampla, uma das propostas de Volóchinov seria perceber e categorizar a teoria marxista, situando-a em uma formulação coesa em relação à ideologia e à psicologia, superando simultaneamente o *objetivismo abstrato ou positivista* e o *subjetivismo idealista*. Assim, ao tecer uma crítica ao *objetivismo abstrato*, Volóchinov justificou que as práticas do discurso nesse sistema consistem em uma anulação do sujeito falante. Posto que o objetivismo tenha sido uma herança de tradição filosófica racionalista já presente em Descartes<sup>2</sup> (1596 – 1650) e Leibniz<sup>3</sup> (1646 – 1716), esta corrente postula que os sujeitos já recebem a língua finalizada em seus próprios significados, pois é transmitida aos seres humanos estando pronta para ser utilizada. No campo da linguística, o *objetivismo abstrato* foi representado pelo linguista Saussure (1857 – 1913), o qual pensou a língua (esfera social) como o ápice para qualquer análise linguística, em detrimento da fala (esfera individual).<sup>4</sup>

Em termos estruturais, primeiramente traçamos um estudo sobre como a filosofia da primeira metade do século XX se desenvolveu sob o signo da palavra, e em seguida analisamos como Volóchinov e Bakhtin articulam seus pensamentos com base nos princípios de Kant e dos neokantianos. Para um

<sup>2</sup> Filósofo, físico e matemático francês considerado um dos fundadores do racionalismo na idade moderna. Descartes percebeu que os "costumes", a história de um povo, sua tradição "cultural" influenciam a forma como as pessoas pensam naquilo em que acreditam.

<sup>3</sup> Filósofo, cientista e diplomata alemão, que admitia uma série de *causas eficientes* a determinar o agir humano dentro da cadeia causal do mundo natural.

<sup>4</sup> Para Saussure, a fala, o extra-verbal, e a contextualização, assim como todos os elementos transitórios componentes da produção de língua, não seriam objetos de estudo concernentes aos estudos linguísticos estruturais.





breve ato analítico, delimitamos a tela de número 23, *Aquellos Polvos* (1797-1799), da série “Os Caprichos”, de Francisco Goya, a qual se encontra no *Museo del Prado*.

## 1. A FILOSOFIA MODERNA SOB O SIGNO DA PALAVRA

Tendo em vista a gama de definições que se atribuiu à língua até meados do século XX, Volóchinov (2017 [1929]), influenciado pelas discussões feitas nas reuniões do Círculo de Bakhtin, afirma que toda a consciência individual está impregnada de signos, e estes só emergem na relação entre os indivíduos, na interação entre os sujeitos. Portanto, para o autor russo, todo signo é social e só há consciência onde há signo. Nessa linha interpretativa, a consciência também é social: “A própria consciência pode se realizar e se tornar um fato efetivo apenas encarnada em um material sígnico” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p.95). Desse modo, o signo é produto da interação entre duas consciências individuais.

Ao conceber a linguagem como um fenômeno social e fruto da interação humana, Bakhtin (2012 [1920-24]) alerta para a necessidade de inseparabilidade entre o mundo da cultura e o mundo da vida, enquanto Volóchinov (2017 [1929]) se opõe a duas tendências linguístico-filosóficas de sua época, por ele designadas como *objetivismo abstrato* e *subjetivismo idealista*. Na esfera da linguística, a primeira tendência tem Saussure (1857-1913) como seu maior representante, enquanto a segunda, Humboldt ([1769-1859], posto que as contribuições de Saussure estiveram para além dos limites da segunda tendência. Saussure e Humboldt simbolizam duas grandes tradições do pensamento linguístico-filosófico que permearam, desde os gregos pré-socráticos, as reflexões sobre a linguagem: a primeira traz a língua como expressão do pensamento, e a posterior a arquitetura como instrumento de comunicação.

Para Volóchinov (2017 [1929]), a filosofia moderna (desenvolvida a partir da década de 1920) esteve se desenvolvendo sob o signo da palavra. O método marxista submeteu as problemáticas da filosofia da linguagem a um exame específico e tentou encontrar-lhes uma solução. Então, um dos pontos de partida para estudar a ideologia foi o combate aos “estudiosos de então, marxistas, linguistas, psicólogos e teóricos em geral das Ciências Humanas, ao colocar a





questão da ideologia, ora na consciência, ora como um pacote pronto, advindo do mundo da natureza.” (MIOTELLO, 2013, p. 168). Era preciso, portanto, reconstruir a tradição de análise da ideologia enquanto idealista/psicologizada (como algo pronto e acabado), e como subjetiva (espaço permanente na cabeça do ser humano).

Ao transcender a ideia marxista da realidade econômico/social de um produto como símbolo da ideologia (oficial) e do fenômeno ideológico enquanto falsa consciência, afirma Volóchinov, em *Que é a linguagem* (1998 [1930], p. 107): “Por ideologia entendemos todo o conjunto dos reflexos e das interpretações da realidade social e natural que tem lugar no cérebro do homem e se expressa por meio de palavras [...] ou outras formas sígnicas”. Desse modo, um produto ideológico, ao passo que é um instrumento de produção ou produto de consumo (tendo uma realidade natural ou social), também reflete e refrata outra realidade, exterior.

Qualquer produto ideológico... reflete e refrata outra realidade que se encontra fora de seus limites. Tudo o que é ideológico possui uma *significação*: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um signo. *Onde não há signo também não há ideologia.* (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 91, grifos do autor).

Para identificar a diferença entre um corpo ideológico e um corpo natural, é preciso observar suas representações diante do todo que o cerca. Quando um corpo físico vem a valer, por si próprio, sua estrutura, sem que haja coincidência simbólica com sua natureza, ele é natural em si mesmo, acabado em sua forma, e nesta perspectiva não é ideológico. Porém, se um corpo é compreendido como símbolo, representante de ideias culturais, sociais ou políticas, tanto é considerado um instrumento comum particular quanto arte – uma arte que se converte em signo. É deste modo que o corpo ideológico reflete e refrata uma realidade externa a si, ainda que não deixe de fazer parte de sua realidade material.

O mesmo processo ocorre com um instrumento de produção, e um dos exemplos conferidos pelo teórico russo é o da *foice e do martelo*, como emblema da União Soviética. Em si mesmo, estes instrumentos não têm um sentido





preciso, mas possuem apenas a função de desempenhar seu(s) papel(eis) na produtividade. E eles desempenham essa função sem refletir ou representar alguma outra coisa. Todavia, este(s) instrumento(s) pode(m) ser convertido(s) em signo ideológico, na simbolização social ou política daquele conjunto territorial, ainda que não deixem de conter suas funções mecânicas/materialísticas/estruturais. “Mas ainda assim percebemos aqui uma fronteira semântica evidente: um instrumento por si só não se transforma em um signo nem o signo em um instrumento de produção” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 92).

O outro exemplo apresentado por Volóchinov se concentra entre os polos do produto de consumo, enquanto acabado em si mesmo, e o do campo religioso, nas representações de crença e vida. O pão e o vinho, por exemplo, são produtos de consumo na vida social da maioria das pessoas, enquanto é comercializado, servindo de venda para o gozo culinário. Deste modo, possuem uma forma particular. Porém, tornam-se símbolos religiosos no sacramento cristão da comunhão – a comunhão representativa do corpo e do sangue de Cristo. De igual maneira, o valor de signo ideológico pode ser coberto com a forma de número oito ou de uma roseta.

Estas duas dimensões categóricas de representação (a simples e a ideológica) podem se associar, como um plano simbolizador, mas é preciso ficar claro que esta associação não anula a linha de demarcação existente entre elas. O universo de signos é particular, e ele está ao lado dos fenômenos naturais, do material tecnológico e dos artigos de consumo.

O signo pode distorcer uma realidade, ser-lhe fiel ou representar uma parcela de sua essência. Em todos os lugares em que o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. Tudo o que é ideológico, como bem pontua Volóchinov, possui um valor semiótico. Vale ressaltar, sobretudo, que na esfera ideológica, há grandes diferenças entre os campos representacionais, como o religioso, o científico etc. Cada qual tem sua função na vida social, porém, são definidos em plano geral pelo caráter semiótico. Um signo (é característico deste ter sempre encarnação material) é objetivo, e fenômeno do mundo exterior.

Em contrapartida, as críticas de Volóchinov recaem sobre a filosofia idealista e a visão psicologista da cultura porque, segundo o pensador, estas





situam a ideologia na consciência, classificando-a como pura sensorialidade. Afirmam os idealistas e psicologistas que a ideologia é um fato do nível consciente e que o aspecto exterior do signo é simplesmente um revestimento, um invólucro ou meio técnico de realização do efeito interior (no nível da compreensão). Ao contrário dessa linha filosófica, o estudioso soviético afirma, respaldado em Cassirer<sup>5</sup> (1874 – 1945), que o aspecto sensorial introduzido pelos seus estudos não é o do puro consciente, mas o do signo simbólico, como uma sensorialidade representativa.

O que o idealismo e o psicologismo ignoram é que a própria compreensão pode ser realizada apenas em algum material sgnico (por exemplo, no discurso interior). Eles desconsideram que um signo se opõe a outro signo e que a própria consciência pode se realizar e se tornar um fato efetivo apenas encarnada em um material sgnico. Porque a compreensão de um signo ocorre na relação destes com outros signos já conhecidos; em outras palavras, a compreensão responde ao signo e o faz também com outros signos. (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 95).

Em outras palavras, são incompletas e descontínuas as visões idealista e psicologista, pois não abordam de forma suficiente e clara a manifestação do dialógico a partir das produções mentais. De acordo com o crítico russo, em suas notas, é possível observarmos mudanças de perspectiva no neokantismo moderno. Na medida em que faz apontamentos sobre o livro de Ernst Cassirer, *Philosophie der symbolischen Formen*, vol. I, 1923, afirma que, por mais este situe seus estudos no terreno da consciência, também os expande, ao considerar os traços da representação.

Nesse prisma interpretativo, a consciência também é composta por elementos representativos, os quais atuam como suporte de uma função simbólica. A ideia, na ótica de Volóchinov, é tão sensorial quanto a matéria, e

<sup>5</sup> Considerado como Filósofo Alemão, Ernst Cassirer, além de estudar direito, literatura, e filosofia, foi um dos mais importantes representantes da tradição neokantiana de Marburgo, desenvolvendo uma filosofia da Cultura como uma teoria dos símbolos, baseada na Fenomenologia do Conhecimento.

Expandiu o campo da crítica kantiana a todas as formas da atividade humana. As categorias a partir das quais Kant pensa o fato científico, são para Cassirer um aspecto particular de formas simbólicas que revelam também o fato mítico, estético e social. Pode-se dizer que Cassirer transformou a *Crítica da Razão Pura* em uma crítica da cultura.





essa natureza sensorial, ao passo que pertence ao simbólico, possui caráter representativo. Nessa linha de raciocínio, em *O método formal nos estudos literários*, Medviédev (2016 [1928], p. 49-50), afirma que

Todos os atos individuais participantes da criação ideológica são apenas os momentos inseparáveis dessa comunicação e são seus componentes dependentes e, por isso, não podem ser estudados fora do processo social que os compreende como um todo. O sentido ideológico, abstraído do material concreto, é oposto, pela ciência burguesa, à consciência individual do criador ou do intérprete... Cada produto ideológico e todo seu “significado ideal” não estão na alma, nem no mundo interior e nem no mundo isolado das ideias e dos sentidos puros, mas no material ideológico disponível e objetivo, na palavra, no som, no gesto, na combinação das massas, das linhas, das cores, dos corpos vivos, e assim por diante.

Na ótica de Medviédev, o que também é perceptível nas críticas de Volóchinov, não há incidência de ideologia caso exista separabilidade entre o processo cultural (meio sócioideológico) e o objeto. Enquanto representações sógnicas, jamais os enunciados/as enunciações podem ser avaliados/as longe de sua realidade sócio-histórica, das vozes que os/as atravessam.

## 2. VOLÓCHINOV E BAKHTIN EM DIÁLOGO COM KANT E OS NEOKANTIANOS

Boukharaeva (1997) sugere que o caráter metodológico e a conceptualidade filosófica são pontos fundamentais na elaboração intelectual de Bakhtin. Desse modo, veremos como ocorrem alguns diálogos de Bakhtin e Volóchinov com alguns filósofos clássicos.

Immanuel Kant, influenciado por estudos de base epistemológica, propôs uma divisão de linhas de pensamento científico-filosófico: delimitou, de um lado, o racionalismo continental, representado por René Descartes e Gottfried Leibniz, no âmbito da precisão e raciocínio dedutivo, e na outra extremidade, a tradição empírica inglesa, Kant fora influenciado por John Locke (1632 – 1704), George Berkeley (1685 – 1753) e David Hume (1711 – 1776). O filósofo prussiano é famoso pelo seu idealismo transcendental (no terreno da consciência): pensamento pelo qual todos os seres humanos trazem formas e conceitos a







priori, preestabelecidos, que ainda não passaram por experiência concreta, os quais seriam impossíveis de determinar. O conhecimento *a priori* se complementaria com a categoria *a posteriori*, que se adquire com a experiência, e introdução do conhecimento.

Bakhtin percebe, na teoria kantiana, um encaminhamento de propostas que não são suficientes para dar conta de situar o sujeito numa esfera social, responsável e ativa, o que justifica a ruptura de pensamentos e produções entre a escola de Marburgo e o Círculo de Bakhtin. Clark e Holquist ([1984] 2008, p. 83) explicitam que Bakhtin procurava “amalgamar os três grandes tópicos da metafísica ocidental – epistemologia, ética e estética – em uma única teoria dos atos”. Para Bakhtin, o ato ético era real e atualizado em face da materialidade imediata.

A perspectiva *pós-fenomenológica* adotada pelo Círculo de Bakhtin em posicionamento axiológico à escola kantiana se dá porque esta enxergava o mundo a partir da ótica racionalista, o que se denomina teoreticismo, ou tendência em teorizar pensamentos separados da vida. Na ótica de Renfrew (2017, p. 42-43), esse embate filosófico, o qual ganhou concretude na obra *Para uma filosofia do ato responsável*, na qual Bakhtin fundamenta a *filosofia prima* na base do ato responsável, “quase imediatamente identifica o teoreticismo como uma das doenças-chave do pensamento moderno (particularmente do pensamento científico)”. Nesse sentido, de acordo com o pesquisador inglês, “Teoreticismo é o nome dado por Bakhtin a todas as formas de pensamento que imaginam que a cognição – ou a descrição daquilo que ele chama de “conteúdo-sentido” de todo ato – esgota seu pleno valor ou significação”. (RENFREW, 2017, p. 43).

Os neokantianos<sup>6</sup> pretendiam recuperar a filosofia como reflexão crítica da Valia da cognição – atividade cognitiva. Representados principalmente por Hermann Cohen<sup>7</sup> (1842 – 1918), Paul Natorp<sup>8</sup> (1854 – 1924) e Ernst Cassirer. Esta postura dos neokantianos era contrária ao idealismo objetivo de Hegel

<sup>6</sup> Estudiosos que retornam de forma mais profunda aos desevoltos de Immanuel Kant desde meados do século XIX até os primeiros anos da década de 1920, principalmente na Alemanha.

<sup>7</sup> Filósofo Alemão, professor titular de Filosofia em Marburgo entre 1876 e 1912, Cidade Universitária Alemã.

<sup>8</sup> Filósofo e educador alemão, considerado um dos co-fundadores da escola de Marburgo de neokantismo.





<sup>9</sup>(1770 – 1831), com sua perspectiva de dialética histórica. Tanto Bakhtin quanto Volóchinov postulam que as ideologias humanas, criadas em sociedade, semioticamente determinadas a partir das relações humanas, não dependem em nada da psicologia individualista. Quando Volóchinov e Medviédev reinserem os neokantianos em discussões sociológicas, apontam como válidas as reenunciações de Cassirer, o qual reacentuou o pensamento de Kant, nas representações transcendentais. Nesse direcionamento, a proposta de Cassirer estaria brevemente ligada ao campo ideológico, já que se utiliza da psicologia de forma representacional, através do simbólico.

A categoria ideológica, em plano vivo, se estende a partir da interação entre uma consciência individual e uma outra. A própria consciência individual está repleta de signos. A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social. Sem que haja manifestação do sociointerativo, quer dizer, apenas no plano do psicológico individual, não há ideologia, não há material semiótico.

Apesar de profundas as divergências metodológicas, a filosofia idealista da cultura e os estudos culturais psicológicos cometem o mesmo erro crucial. Ao localizarem a ideologia na consciência, eles transformam a ciência das ideologias uma ciência da consciência e de suas leis, sejam elas transcendentais ou empírico-psicológicas. Em decorrência disso ocorre tanto uma distorção fundamental da própria realidade estudada quanto uma confusão metodológica nas interrelações entre as diferentes áreas do conhecimento. A criação ideológica – um fato material e social – é inserida à força nos limites da consciência individual. Por outro lado, a própria consciência individual é privada de qualquer apoio na realidade. Ela se torna ora tudo, ora nada. (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 95-96).

Enquanto, para o idealismo, a ideologia está situada em um plano superior ao das relações sociais e políticas, como uma soberania abstrata e intocante, para o positivismo psicologista, ao contrário, a consciência se reduz a

---

<sup>9</sup> Também filósofo Alemão. A primeira metade do século XIX foi fortemente marcada pelo hegelianismo. Após sua morte, a filosofia desta perspectiva objetiva caiu, pela maioria, em descrédito. A partir de 1850 alguns críticos propunham sua ineficácia para os problemas sociais, políticos e históricos.





nada, como se fosse determinada única e exclusivamente pela individualidade consciente dos seres humanos.

O ideológico enquanto tal não pode ser explicado em termos de raízes supra ou infra-humanas. Seu verdadeiro lugar é o material social particular de signos criados pelo homem (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]). Sua especificidade está no fato de que a categoria semiótica (ideológica) se pauta entre indivíduos organizados, sendo o meio de sua comunicação. Os signos só podem aparecer em um *terreno interindividual*, ou seja, em uma área maior e mais bem-elaborada que o coeficiente da individualidade.

Porém, não é de qualquer maneira que o ideológico se estabelece. É imprescindível que os indivíduos estejam socialmente organizados, na caracterização de um grupo (uma unidade social): só assim um sistema de signos pode constituir-se. É nesta perspectiva que a consciência individual deve ser explicada a partir do meio ideológico e social. “No final das contas, a consciência tornou-se o *asylum ignorantiae* para todas as construções ideológicas” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 97).

A consciência não pode derivar diretamente da natureza, como tentaram e ainda tentam mostrar o materialismo mecanicista ingênuo e a psicologia contemporânea (sob suas diferentes formas: biológica, behaviorista, etc.). A ideologia não pode derivar da consciência, como pretendem o idealismo e o positivismo psicologista. A consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais. Em outras palavras, a consciência individual é alimentada pelos signos, que são a matéria simbólica do desenvolvimento consciente. Isso culmina em um princípio metodológico segundo o qual o estudo das ideologias independe da psicologia, e, na verdade, é a psicologia objetiva que deve se apoiar no estudo das ideologias.

De forma a considerar a palavra como o signo neutro, de maior combinação possível aos elementos (materiais ou imateriais) linguísticos, se forem separados os fenômenos ideológicos da consciência individual, eles estarão sendo conectados às condicionalidades e às estruturas da comunicação social. O signo representa, desta maneira, a materialização desta comunicação (e nisso consiste a natureza dos signos ideológicos). A maneira mais clara e





completa de todo este espaço semiótico é a linguagem. É então conferenciado, pelo estudioso russo (2017 [1929], p.98) que “a palavra é o fenômeno ideológico por excellence”, e toda a realidade da palavra é absorvida por sua função de signo. Desse modo, a representatividade da palavra como fenômeno ideológico, assim como a nitidez de sua estrutura semiótica, pode fornecer razões suficientes para que a palavra seja colocada em primeiro plano no estudo das ideologias.

Pensando em um estudo que não avalia apenas uma tendência idealista de observação da linguagem, nem ao menos se restringe ao absolutismo da tendência positivista, mas que propõe um modo de análise pautado no materialismo dialético, enxergamos no método sociológico procedimentos coerentes para um ensino voltado para a interação.

A partir do instante em que delimitamos uma palavra que possa permear diversas áreas do saber, e ao mesmo tempo dialogar com diversas épocas e lugares, acumulando-se seus sentidos, estamos diante de uma proposta dialógica. A inserção da noção de ideologia é fundamental para os processos de ensino-aprendizagem de qualquer especificação de conhecimento, até porque percebe-se a necessidade de que as diversas especificações ideológicas (arte, moral, religião, literatura) estejam interligadas com o campo geral das ideologias, conforme Medviédev (1928 [2016]).

Na perspectiva de Volóchinov ((2017 [1929])), a palavra não é colocada apenas como o signo mais puro, mais indicativo. Também é representada como um signo *neutro*. Cada um dos diversos sistemas semióticos é específico de algum campo particular da criação ideológica. O signo, então, é criado por uma função ideológica precisa e permanece inseparável dela. A palavra, ao contrário, é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Pode preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa.

### **3. BREVE ANÁLISE DA TELA *AQUELLOS POLVOS*, DE FRANCISCO GOYA**

A composição artística *Os Caprichos*, estética e historicamente, consiste numa série de 80 gravuras do pintor espanhol Francisco Goya, na representação categórica de uma sátira da sociedade espanhola de finais do século XVIII, principalmente da nobreza e do clero da chamada Inquisição. Dividiu-se em as





gravuras mais realistas e satíricas, com críticas à razão e ao comportamento dos padres e líderes, na primeira parte, enquanto na segunda metade representou o emblema de gravuras no nível do fantástico.

Tomemos como *corpus* para análise a tela de número 23, *Aquellos Polvos*, da série “Os Caprichos”, de Francisco Goya, a qual se encontra no *Museo del Prado*. A tela, produzida entre 1797 – 1799, é esteticamente configurada em gravura a água-forte, drypoint, escoplo, aquatinta polida sobre papel laminado, com faixas de 306 x 201 mm.

Figura 01. *Aquellos Polvos* (1797-1799).



Pesquisa em: <https://www.museodelprado.es/coleccion/obra-de-arte/aquellos-polvos/a6a5d912-f4be-4c67-bd13-8c71c4fa235c?searchMeta=aquellos%20povos>

Sob abordagem dos signos, o objeto estético plástico-pictural, em sua densidade arquitetônica, contém cores fechadas, acinzentadas, e o autor-pintor





conferiu artisticidade a esses elementos sígnicos, os quais significam no jogo imagético. Importa mencionar que a categoria arquitetônica, mobilizada por Bakhtin (2010 [1930-1934]), advinda de Kant, em seus estudos sobre estética e literatura, “está vinculada à completude integrante de um ser, ou se um objeto. Averiguar um objeto em sua densidade arquitetônica é poder visualiza-lo como um todo, tanto sua exterioridade quanto seus elementos internos” (SANTANA, 2018, p. 36).

Em relação ao célebre objeto pictural, de numeração 23, *Aquellos polvos*, o pintor Francisco Goya expõe indignação e reprovação para com a ganância dos inquisidores do seguinte modo: pinta um prisioneiro com as mãos atadas, e cabeça baixa, como se estivesse em plena reverência a excelência católica, ou como se este fosse um ato de *autoculpa*, na densidade *do ter que revelar*, ainda que não haja nada a ser dito. Sentado em uma plataforma, de frente para o líder religioso, além de estar perante a população (com algemas e amarraduras, estando sua cabeça afundada no peito em símbolo de vergonha), o homem é obrigado a ouvir a leitura de sua declaração/sentença.

Do púlpito para a presença de uma grande camada eclesiástica se constrói um sentimento de pavor e tensão, na espera do que provavelmente aconteceria: o castigo de declaração de morte, ao réu. *Aquellos polvos* (os pós), traz semanticamente a ideia de que ele, o acusado, *trouxe essa lama*, ou seja, trouxe o pó/lama – a sujeira de outra cultura, ou de outra prática que não fosse a clerical.

Todos os signos representativos desta tela, *Aquellos Polvos*, são criados e marcados pela função ideológica, e os sentidos se dão na multiplicidade dialógica dos signos, os quais se tornam inseparáveis, na criação pictórica, em resposta ao sistema social estabelecido pela inquisição. Todos os elementos, como chapéu, maneira de estar sentado, o cenário, são pertencentes exatamente a esta crítica, e não podem se separar do todo.

Embora existam signos ideológicos que jamais possam ser substituídos por palavras, como uma sonata, cada um deles possui a palavra como apoio, como se cada uma das palavras pudesse o acompanhar, e complementá-lo, ou até mesmo traduzi-lo. Não há signo que, quando esteja compreendido e dotado de sentido, permaneça isolado – separado dos demais. Ele torna-se parte de um





todo, que também se estabelece como *unidade da consciência verbalmente constituída*.

É então que, para os fins desta proposição, quaisquer que sejam as propriedades das palavras examinadas por Volóchinov, tanto em sua pureza semiótica ou natureza sociológica e implicação na comunidade humana, têm possibilidade de acompanhar um conjunto ideológico, complementando-o. As leis da ondulação ideológica, bem como suas formas e seus mecanismos, devem ser estudadas a partir desse material, da forma e o conteúdo. Diante de toda essa aquiescência, destaca-se a um dos pontos centrais das reflexões russas a consciência sígnica, ou ideológica.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossas reflexões circunscreveram aspectos teórico-metodológicos em que Bakhtin, Volóchinov e Medviédev posicionaram-se criticamente ao sistema formal russo, e fundamentaram seus estudos em uma dimensão estritamente filosófica e sociológica, em diálogo com a escola de Marburgo, ou neokantismo, a qual que almejava o retorno à investigação original de Kant, ou a filosofia como metodologia da ciência.

Nesse sentido, fez-se de extrema importância trazer as reflexões russas, pensando no método sociológico de observação e análise. Desse modo, compreende-se que a proposta de Volóchinov e os outros membros do círculo de Bakhtin, além de desenvolverem suas produções com base na teoria dialógico-sociológica, asseveram a insuficiência do formalismo russo, e alertam para a necessidade da interação quanto ao nível enunciativo da linguagem.

Então, ao incidirmos nos pressupostos soviéticos do Círculo de Bakhtin, sobre como a filosofia moderna estava se desenvolvendo sob o signo da palavra na primeira metade do século XX, traçamos um estudo sobre a ciência das ideologias e a filosofia da linguagem.





## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. **Para uma filosofia do ato responsável.**

Tradução do russo de Luciano Ponzio. 2a. ed. Pedro & João Editores. São Carlos, 2010.

BAKHTIN, M. M. **Problemas da poética de Dostoiévski.** 4.ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Forense-Universitária, 2008 [1929].

BOUKHARAEVA, L. M. **Começando o diálogo com Mikhail Mikhailovitch Bakhtin.** Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1997.

CLARK, K.; HOLQUIST, M. [1984]. **Mikhail Bakhtin.** Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2008.

MEDVIÉDEV, P. N. **O Método Formal nos estudos literários:** introdução a uma poética sociológica. Tradutoras: Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo – 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2016 (1928).

MIOTELLO, V. Ideologia. In: BRAIT, B. (org). **Bakhtin: conceitos chave.** 5. Ed, 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2013. p.167-176

**MUSEO** del Prado. *in:* <https://www.museodelprado.es/coleccion/obra-de-arte/aquellos-polvos/a6a5d912-f4be-4c67-bd13-8c71c4fa235c?searchMeta=aquellos%20polvos>. Acesso em: 13.07.2018.

RENFREW, A. **Mikhail Bakhtin.** Tradução de Marcos Marcionillo. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2017.

SANTANA, W. K. F. de. **A palavra/ a imagem - o poema/ a tela:** literatura e pintura em relações dialógicas. *Cornélio Procópio*, Volume 12, n.1 (2018).

VOLOCHÍNOV, V. N. (círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem** - Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo – Ensaio introdutório de Sheila Grillo. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].

VOLOCHÍNOV, V. N. Que é a linguagem? (1930) In: PONZIO, A. **La revolución bajtiniana:** el pensamiento de Bajtín y la ideología contemporánea. Madrid: Cátedra, 1998.

